LUTA COM VARAPAUS ENTRE MARINHEIRO PORTUGUES E ALGUNS COROADOS

Apontamentos Sobre Os Indígenas Selvagens da Nação Coroados dos Matos da Província do Rio Grande do Sul, 1836-1866, por *Pierre F. A. Booth Mabilde*

Entre os homens que, de Janeiro a julho de 1850, me acompanhavam nas matas, havia um português, Manoel José Pereira, que, durante vinte anos, tinha servido como marinheiro a bordo de um navio de guerra português. Tinha ele uma destreza extraordinária no manejo do pau, alem da forca muscular de que era dotado.

Ouvindo o interprete dizer-me que os coroados armados com varapau não temiam pessoa alguma, deu umas risadas e pediu-me licença para dizer ao intérprete que ele queria experimentar se, estando armado com um pau, um daqueles coroados seria capaz de lhe chegar ao corpo com 0 seu varapau. Anui a experiência, recomendando-lhe toda a prudência para não molestar o coroado que se prestasse para a luta. O interprete comunicou aos coroados a intenção do marinheiro e logo dois se ofereceram para com ele medir-se, dando-lhe um de seus varapaus.

Colocou-se o marinheiro em guarda e deu ordem para que os dois coroados o atacassem, dando-lhes licença de darem com toda a sua forca e em qualquer lugar do corpo, onde bem lhes parecesse melhor dirigir as pancadas. Os coroados, vendo a atitude de pouco caso que o marinheiro parecia fazer deles, olhavam um para 0 outro e se desfaziam em risos sardônicos que davam a perceber o seu carater mau, regozijando-se, de antemão, pelo extermínio do marinheiro, que lhes parecia certo conseguir. Entretanto, esse prazer feroz e ameaçador foi de pouca duração. Os dois coroados avançaram com fúria sobre o marinheiro, malhando às cegas com os seus varapaus. Depois de sustentar aquela luta durante uns três minutos, sem que os coroados pudessem lhe acertar uma só pancada, o marinheiro — que ate ali não tinha mudado os pés do lugar que ocupava — deu um grito de "hurra" e avançou sobre os dois coroados que logo recuaram. De tal jeito manejou o pau que fez voar os varapaus das mãos dos coroados. Estes, vendo-se desarmados, e desconfiados de que talvez o marinheiro nutrisse o mesmo sentimento por eles e os quisesse matar, deitaram a fugir para uma distância de mais de cinquenta bragas e sem olhar para atras.

Como o marinheiro ficou parado, rindo-se, os coroados espectadores, em número superior a 150, dirigiram suas vistas para ele com muito medo. Dizendo-lhes o interprete que ele convidava mais cinco para o atacarem ao -mesmo tempo — como fizeram seus dois companheiros — não quiseram aceitar o desafio, tal era o temor e desapontamento que sentiam pela derrota, conforme o interprete nos declarou. Tendo o marinheiro, naquele ensaio, observado que os selvagens, a cada pancada que queriam dar, simulavam um recuo, para, repentinamente, darem um pulo para a frente — dando nesta ocasião a pancada sobre ele — quis ainda mostrar-lhes que tinha somente se defendido das pancadas.

Agora, provar-lhes-ia que eles não teriam tempo de atingi-lo, levando antes uma pancada dele.

Depois de muito empenho, o interprete conseguiu que outros três coroados, mais ou menos de vinte anos cada um, se decidissem a experimentar nova luta com o marinheiro. Este, para evirar machucar, por acaso, os três adversários, mandou que cada um deles atasse sobre o peito um poncho de pano, dobrado em quatro ou cinco vezes, segurando-o sobre o tórax com tiras de cipo, para servir de plastrão. Depois de estarem os coroados assim resguardados, principiou a luta dos três contra o marinheiro — que estava em mangas de camisa e sem coisa alguma sobre a cabeça para resguarda-lo. Principiaram com os dois primeiros, avançando resolutos e com fúria, sendo suas pancadas rebatidas pelo marinheiro. Na quarta ou quinta investida, aproveitando a ocasião. em que os três armavam o pulo para descarregar a pancada, deu, com destreza e ligeireza extraordinárias, o que ele chamou de "um pontaço no peito" de um dos três, fazendo-o cair de costas. Desarmou o segundo, fazendo-lhe voar o varapau e, rebatendo a pancada do terceiro, colocou-o numa posição tal que lhe descarregou, simultaneamente, cinco, ou seja, pancadas sobre a cabeça que — se a cada vez não se retivesse para não o molestar, ter-lhe-ia despedaçado o crânio.

Isso foi o bastante para que nenhum mais quisesse tentar outro ataque sobre o marinheiro que se empenhava para experimentar outra vez. Sua intenção era de, logo a primeira investida, arremessa-los ao chão e simular que os malhava com o pau, um após/outro. Não quiseram mais experimentar, porque estavam tao atemorizados e perplexos que não sabiam se deviam fugir ou ficar deitados — como aquele que o marinheiro tinha arremessado ao chão.

Terminada a segunda experiência, depois de ficar silencioso e pensativo durante uns dez minutos, o cacique Braga dirigiu-se ao lugar onde se encontrava o interprete e — esquecendo que tudo estava por ele determinado e predisposto para sair da mata com sua gente e aldear-se — com uma simplicidade que, igualmente, parecia dignificação para comigo, me disse que ele ficaria com o marinheiro nas matas. Dar-lhe-ia uma tribo para ser o chefe, junto a ele (cacique). Assim não precisavam sair das matas, sendo preciso, somente, que o homem (o marinheiro), cortasse o cabelo como eles!

Foi preciso que o marinheiro lhes prometesse que lhes ensinaria a jogar o pau, quando estivessem aldeados, para tranquilizar o cacique. Este, com os seus subordinados, parecia sucumbido por ter encontrado quem lhes provasse que o varapau — sua arma predileta e entre eles considerada como arma a mais nobre — de coisa alguma lhes servia, tendo em vista as provas de que tinham sido testemunhas.

Perguntou-me o cacique, nessa ocasião, se toda a minha gente sabia brigar desta maneira com o pau, o que lhe mandei afirmar (infelizmente não era verdade), pelo intérprete. Esta resposta deixou o cacique ainda mais pensativo, reconhecendo-se em seu semblante a sensação que lhe tinha produzido tal resposta — e quanto o seu orgulho tinha sido ofendido.

Daquele dia em diante, reconheceu-se, facilmente, que aquele cacique e os selvagens de sua tribo ficaram menos soberbos e altivos que antes, parecendo tao amedrontados que, quando o marinheiro lhes dirigia a palavra ou passava entre eles, se via, claramente, o olhar inquieto e o respeito que lhe tributavam.

Ofereciam-lhe logo pinhão. ou outro qualquer fruto que tivessem a mão, coisa que nunca — a não ser comigo — tinham feito para quem quer que fosse que me acompanhasse.